

A Revolução do Haiti sob uma perspectiva étnico-racial

Anna Beatriz de Almeida Basílio¹
Camila dos Santos Gonçalves²
Eva Maria de Souza Fernandes³
(Orientador: Fábio Luiz Rigueira Simão⁴)

Resumo: Este trabalho procura contribuir para uma nova forma de contar a história, ressaltando a voz de personagens socialmente omitidos que não registram suas lutas apenas pela escrita. As crônicas da Revolução de Saint-Domingue, ocorrida entre 1791 e 1804 na atual República do Haiti, revelam que, apesar de vitoriosos, a cronografia dos escravizados insurgentes sofre uma estranha supressão histórica. Ao longo de debates acadêmicos de renomados autores sobre o assunto, e no contexto da nova agenda racial do século XXI, propomos uma ampla reflexão sobre a racialidade intrínseca ao evento e suas reverberações. Escavamos os arquivos digitais em bibliotecas on-line ao redor do mundo, em busca de documentação primária relacionada ao Haiti, possibilitando a análise étnico-racial que pretendíamos. A leitura desses documentos revelou que o grandioso feito em Saint-Domingue foi gradualmente apagado, dificultando, ainda hoje, que a narrativa fosse reescrita – como se tem feito na Nova História – na visão das pessoas que deram a vida pela liberdade. A constante sujeição das populações negras escravizadas ao eurocentrismo branco se alinha ao seu silenciamento e a uma leitura enviesada de sua atuação na história. A compreensão da Revolução Haitiana a partir dos seus efeitos na maneira como “racializamos” o mundo é essencial para se entender a história do mundo Atlântico, fundamentada no escravismo, mas intensificada pelo temor diante da força do povo negro, evidente no Haiti.

Palavras-Chave: Revolução do Haiti; Mundo Atlântico; Conflitos raciais; Silenciamento; Análise étnico-racial.

Abstract: This work aims to contribute to a new way of telling the history, highlighting the voice of socially omitted characters who do not register their struggles only by writing. The chronicles of the Saint-Domingue Revolution, which occurred from 1791 to 1804 in the current Republic of Haiti, reveal that, despite being victorious, enslaved insurgents suffered a strange historical suppression. The chronography of that great event silenced or even demonized both their agency and themselves. From debates of remarkable academic articles by acknowledged authors on the subject, and in the context of the new racial agenda of the 21st century, we propose a broad reflection on the intrinsic raciality of the event and its reverberations. We explored the digital archives of online libraries around the world, looking for primary documentation related to Haiti. That has enabled us to make an ethnic-racial analysis of the Haitian Revolution and the constant subjugation of black people to white Eurocentrism. The reading of the documents revealed that the notable black actions in Saint-Domingue had been gradually hidden, making difficult, even today, the construction of a new narrative – as has been done by the New History – through acts and versions of people who gave their lives for freedom. The constant subjugation of these people by white historical narrative reinforced their silencing and the biased reading of their role in their own history. Analyzing Haitian Revolution from its effects and from the way our world is racialized is essential to understand the slave-based Atlantic world and the intensification of the violence against black people by the fear of their strength of mobilization and insurgence which has become evident in Haiti.

Keywords: Haitian Revolution; Atlantic World; Racial conflicts; Silencing; Ethnic-racial analysis.

Introdução

Em 1791, em meio à expansão das ideias iluministas, uma grande revolução liderada por povos negros eclode no Haiti e muda os rumos da história ocidental. A

¹ Aluna da 3ª série do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAp-COLUNI - UFV).

² Aluna da 3ª série do CAp-Coluni - UFV.

³ Aluna da 3ª série do CAp-Coluni - UFV.

⁴ Orientador. Licenciado em História pela UFV, mestre e doutor em História pela UFJF. Atua como professor de História no CAp-Coluni - UFV.

luta pela liberdade e pela reestruturação dos moldes políticos da ex-colônia francesa se torna ainda mais significativa ao configurar também uma mudança de mentalidade. Uma nova nação surge e, com ela, afloram-se sentimentos de esperança e força entre escravizados de todo o Mundo Atlântico, ao mesmo tempo em que o temor recai sobre os brancos.

Um evento que vem para redefinir pensamentos e pré-concepções não se consolida repentinamente. As condições históricas para um movimento como aquele já vinham sendo construídas há séculos, desde o início da colonização da parte ocidental da ilha de Hispaniola pelos franceses em 1697. Como certa vez observou o aristocrata e político francês Conde de Mirabeau, em Saint-Domingue os senhores “dormiam nos pés do Vesúvio”. Essa metáfora foi utilizada para ilustrar que se encontravam à beira da “erupção” do movimento negro. Dentre as diversas motivações que levaram à Revolução Haitiana, estão a estrutura social do período, entremeada pelo uso da força bruta, e a subjugação, de milhares de pessoas escravizadas.

Embora tenha sido um evento tão grandioso, haja vista que foi a primeira conquista de independência na América Latina e, como disse Price (1898, p. 101, trad. nossa), “a obra mais nobre e viril de nossa mãe comum, a raça negra”, por muito tempo ele se manteve às margens da historiografia. Isso se dá, em parte, devido ao fato de a história do século XIX ter fincado raízes numa tradição positivista que priorizava os documentos oficiais em detrimento das memórias. No caso específico do Haiti, percebe-se que as fontes documentais foram capazes de ocultar boa parte do conteúdo bárbaro e exploratório da escravidão, silenciando e depreciando ainda os feitos daqueles que deram a vida pela liberdade.

É atribuída ao escritor George Orwell a ideia popularmente disseminada de que “a história é contada pelos vencedores”. A julgar por essa afirmação, a perspectiva que deveria ter sido disseminada acerca da formação do Haiti independente é a dos próprios negros revolucionários. Contudo, se a história costumara ser gentil para com os que obtêm a glória da vitória, a cronografia dos escravizados insurgentes entra em um estranho caso de supressão. As razões estruturais que explicam este fato levam ao objetivo central da investigação aqui proposta.

Considerando, assim, a fundamental importância do estudo e do debate acerca dos moldes que construíram a civilização contemporânea, propõe-se uma análise étnico-racial dos sentidos e dos silêncios que envolveram a história da Revolução Haitiana. Compreendendo nosso lugar no mundo e a importância de lançar luz à perspectiva dos negros ativos na revolução, temos clareza que não fazemos parte desse grupo étnico, e é exatamente por isso que entendemos ser crucial nossa investida, já que defender a memória de um povo, revelando sua resistência e sua luta pode muito contribuir para um mundo mais justo e diverso. Parafraseando a filósofa e ativista brasileira Djamila Ribeiro (2019), “se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugar onde pessoas negras não costumam acessar”. O objetivo do trabalho se consolida, então, em criar esses espaços, valorizando a escrita “escondida” dessa parte da população.

Inferiorização e silenciamento dos heróis negros

Por múltiplas e variadas razões, a reverberação dos fatos ocorridos em São Domingos, no curso da historiografia, não se deu, precisamente, da forma esperada. Cada um desses homens, cujas crônicas revisitamos agora – junto com as massas revolucionárias por eles lideradas – exerceu crucial função no desenvolvimento da Revolução Haitiana. Ensejava-se, portanto, que suas histórias fossem contadas e, mais

ainda, que, assim como tantos outros líderes revolucionários – com seus feitos dissonantes e nauseantes –, fossem vistos como heróis e tivessem protagonismo em seus entrecchos.

Embora tenham vencido a batalha e a tornado grandiosa, esses personagens eram dotados de características, desde a cor de sua pele até suas crenças, alheias às dos detentores das preponderantes narrativas vigentes. Além deste fator, fala-se de uma sociedade permeada por preconceitos que não lhe permitiria compreender, aceitar, ou mesmo creditar a história que, de fato, ocorreu na ilha de São Domingos, sendo contada por quem, de fato, a venceu. É, dessa maneira, que entra em cena a omissão das histórias desses heróis negros. Esse silenciamento, porém, não é um acaso, mas uma política. Conforme conceitua Orlandi (1992, apud FREITAS, 2011): “o silêncio pode ser considerado [...] parte da retórica da dominação (a da opressão)”. Isso porque, à época, era impensável admitir que os negros pudessem ser grandes homens, assim como os brancos – ou até maiores – e liderar um movimento de libertação tão impressionante. Tampouco, era querido que repercutissem tais feitos dessa maneira, uma vez que, além de os brancos haverem fracassado na revolução, perderam-na para povos por eles inferiorizados em todos os sentidos. Então, conta-se a história como se quer contar: sem reconhecê-los em sua magnitude, assumindo-os como bárbaros ou, simplesmente, apagando-os.

Fica evidente, ao se analisar os perfis desses indivíduos, que seus valores, tão apreciados e venerados pelos haitianos até a contemporaneidade, mostravam-se aviltantes para o contexto. François Mackandal e Dutty Boukman são bons exemplos disso. Ambos eram sacerdotes do vodu haitiano, a diferença entre eles se encontra, então, na forma como utilizaram a religião em seus movimentos de resistência.

Mackandal é uma figura muito pouco conhecida pela historiografia se comparado a outras personalidades, já que a maioria dos relatos de fonte primária revelavam-no como alguém misterioso. Ele foi o primeiro comandante de manifestações populares, mesmo que localizadas e sem um propósito coletivo específico além da própria liberdade. Unindo os escravizados em uma espécie de rede secreta, ele incitava a utilização de ervas da ilha como matéria prima de venenos. A partir disso, mobilizava essas pessoas para a deposição da substância fatal nas refeições dos senhores de escravos.

Já Dutty Boukman foi a personificação da força iorubá que, primeiramente, insuflou a massa revolucionária e fez com que o vodu evoluísse como um fenômeno político-religioso. A crença nele, por intermédio do apelo à divindade Ogum – o deus do ferro e da guerra– conferiu à comunidade, esperança de vitória sobre seu estado de escravização. A cultura iorubá tornou-se a fonte de conexão e o sistema de comunicação que ajudou a colocar em movimento a Revolução. Foi assim que ele conduziu a cerimônia que incentivou os presentes a se vingarem de seus opressores e a “rejeitar a imagem do deus do homem branco que é tão implacável” (BOUKMAN, 1791, apud LOUIS, 2017).

Mas, se ainda hoje, o vodu (como outras religiões de matriz africana) sofre discriminação e rejeição por parte de setores da sociedade ocidental moderna, como poderiam os colonos, cristãos, na esmagadora maioria das vezes, contar a gloriosa história de uma revolução liderada por homens que, além de negros, basearam-na em premissas de uma forte ancestralidade, pelos brancos constantemente demonizada?

Embora a história tenha relegado ao silêncio boa parte dos líderes da Revolução Haitiana, Toussaint L’Ouverture se destaca entre os demais. Era ele quem mais se adequava ao padrão de comportamento civilizacional admirado pelos dominadores. Reconhecia que para fazer do movimento um sucesso, precisava mobilizar valores ocidentais preconizados pelos revolucionários franceses. Tendo

conseguido sua libertação antes mesmo da Revolta de 1791, foi alfabetizado e adquiriu habilidades políticas e comunicacionais que agradavam os colonos ou, pelo menos, os surpreendia:

A fidelidade que ele havia jurado a seu senhor, e sua gratidão, pareciam ter sido superiores a todas as atrações de vingança e avareza, e muitas vezes ele era ouvido a proferir imprecisões sobre as cabeças dos autores do estado desastroso da colônia (DUBROCA, 1802, p. 5, trad. nossa).

No entanto, a cor da pele de Toussaint e a sua nacionalidade seriam sempre barreiras, aos olhos dos colonizadores, ao reconhecimento de que ele seria não só parte do movimento, mas também um grande líder militar. Os feitos revolucionários de L'Ouverture quebraram essa limitante expectativa e alterou o discurso dos brancos haitianos, que passaram a dizer que ele “formou o projeto de destruir seu benfeitor, e usurpar seu lugar” (ibid, p. 7, trad. nossa).

Sendo esta uma sentença carregada de pessoalidade, é coerente reafirmar que esse foi o revolucionário que mais utilizou a diplomacia para negociar a libertação dos povos oprimidos do Haiti – mas seu caráter ponderado não o fez baixar a cabeça para os europeus. Isso fez com que se tornasse, pode-se afirmar, o mais proeminente rosto da revolução – embora o destaque fosse tímido comparado a líderes brancos, como Simón Bolívar, por exemplo. Entendem-se essas motivações como as justificativas mais explícitas para sua espécie de protagonismo.

Com a prisão de Toussaint, o comando dos homens de São Domingos é assumido por Jean-Jacques Dessalines, que liderou bem mais agressivamente o movimento. Isso porque ele entendia que a conquista da liberdade do povo negro não se daria pela igualdade, mas pelo poder (NICOLAY, 2010). Ele é, decerto, a personificação dessa luta, uma vez que era (e ainda é) visto por muitos como herói no Haiti, ao mesmo tempo em que era o líder mais temido pelos brancos. No entanto, é muito pouco o que se sabe e se entende sobre figura tão imponente e relevante para a Revolução. Muito disso deve-se a seu comportamento que, considerado infame, mostrava-se incongruente e incompatível com os valores europeus. Hoje, a história é repensada, porém, em sua época e nas décadas que a sucederam, foi descrito como sanguinário, distante do ideal de homem “civilizado”. Não está em questão a indubitável violência de seus feitos, porém, se por um lado esses episódios foram chamados de “massacres”, por outro, os séculos de escravidão permeados pelas mesmas bárbaras ações, à época, não receberam denominação semelhante...

Embora tivesse combatido os colonizadores repetindo, muitas vezes, suas condutas, Dessalines certamente não foi visto com os mesmos olhos. Essa questão é especialmente notória em um trecho da carta que o líder haitiano enviara ao então presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson em 1803: “O povo de São Domingos, cansado de pagar com nosso sangue o preço de nossa cega fidelidade a uma pátria que corta as gargantas de seus filhos, e seguindo o exemplo das nações mais sábias, livrou-se do jugo da tirania e jurou expulsar os torturadores” (DESSALINES, 1803, trad. nossa). Por contraditório que pareça, mesmo que Dessalines tenha se inspirado nas realizações das “nações mais sábias”, seu *modus operandi* foi, exatamente, a motivação para que ocorresse sua “demonização”. Ao observar a obra *Vida de J. J. Dessalines*, por exemplo, é possível enxergar, com exatidão, como foram narrados os fatos ocorridos em São Domingos e como seria impensável a comparação entre as práticas dos colonos e as ações dos negros:

Em ambos os mundos, o nome e os ataques horríveis do monstro que é o objeto desta história ressoaram com espanto universal. Mas poucos são os que conhecem a série ininterrupta de crimes desse feroz africano, que se tornou tão famoso pelas suas atrocidades e **cuja ferocidade não se compara senão aos tigres que habitam o clima de fogo que lhe deu o ser** (DUBROCA, 1804, p. 9, trad. nossa, grifo nosso).

Como os feitos revolucionários foram narrados pelos brancos haitianos

Faz-se importante lançar luz, agora, sobre a visão dos brancos escravistas, especificamente os que viviam no Haiti à época da revolução. Os materiais encontrados, ainda que relativamente escassos, retratam o ponto de vista que ditava a forma como o movimento seria contado mundialmente, mesmo que cheio de parcialidade.

A concepção acerca dos ocorridos na então colônia francesa contribuiu para a formação do imaginário que, por óbvio, viria a influenciar toda a historiografia posterior. Diante disso, na busca pelo rearranjo dos personagens históricos dentro de seus contextos, utilizamos documentos de grande préstimo nas seguintes bibliotecas: *Digital Library of the Caribbean*, *Early Caribbean Digital Archive*, *John Carter Brown Library*, *Library of Congress*, *Biblioteca Digital Mundial* e *Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional*.

O primeiro documento encontrado foi escrito em 1758, na ilha de Cap-François, e é composto de duas cartas trocadas entre duas pessoas anônimas. A primeira serve como introdução à segunda, um resumo utilizado para contextualizar o conteúdo da outra. Esse material pertence à Biblioteca Haitiana de Pères du Saint-Esprit e faz parte da coleção “Impressões de São Domingo”, produzida antes da revolução de 1804. Ele foi descoberto por nós na Biblioteca Digital Mundial.

O ponto principal de ambas as cartas é estabelecer um panorama sobre o que se passa na colônia no período em questão, evidentemente adotando o viés branco da história. Isso fica claro sob a análise das marcas de personalidade dos escritos, definindo a situação como “horrorosa” e chamando os insurgentes de “criminosos” e “assassinos”. Além dessas pontuações, há também uma certa carga emocional ao se descrever o “martírio” pelo qual os senhores estavam passando, em uma tentativa de criar um relato comovente de ódio aos negros “ingratos” e “sem-coração” (RELATO, 1758).

Muitas vezes a figura de Mackandal é mencionada e tratada de uma forma mística, aparentando que não se sabia exatamente quem ele era e onde vivia. O que bem sabiam, porém, era a forma de protesto desta importante figura da resistência: o envenenamento. Um dos autores das cartas constantemente se manifesta sobre o absurdo desses atos, sobre como os negros e negras “mais queridos” (na maioria das vezes, as mulheres que cuidavam da cozinha) não tinham piedade para matar seus senhores e quem quer que estivesse no caminho deste objetivo.

Outro documento, encontrado na Biblioteca do Congresso, denominado “*Um relato particular da insurreição dos negros de São Domingos, iniciada em agosto de 1791*”⁵, é o maior achado dessa longa pesquisa em fontes primárias. Trata-se de mais de 30 páginas de transcrição, traduzidas para o inglês, de um discurso feito por deputados da Assembleia Geral de Saint-Domingue, aos 3 de novembro de 1791. Diante da então recente eclosão da Revolta dos Escravos de 1791, os colonos se

⁵ Originalmente em inglês: “*A particular account of the insurrection of the negroes of St. Domingo, begun in August, 1791*”

sentiam não só ameaçados, mas traídos, o que se torna nítido não apenas pelo que é dito, mas pela forma como é dito.

Logo no início do discurso pede-se socorro, “se ainda for possível”, para salvar o que ainda restava após a destruição. Caso contrário, acreditavam que seriam aniquilados. Assim, iniciam sua descrição dos “terríveis eventos” (SAINT-DOMINGUE, 179-?, p. 1, trad. nossa), através de diversos relatos pessoais, por vezes identificados os envolvidos, como no diálogo entre o Senhor Odeluc e seu cocheiro: “Desgraçado, eu sempre te tratei com bondade, por que procuras minha morte?” “É verdade”, respondeu, “mas prometi cortar sua garganta” (ibid., p. 3).

Os séculos de violência contra os pretos pareciam não ter sido percebidos, muito menos admitidos pelos colonizadores. É dito que o pequeno número de senhores brutos e violentos era abominado socialmente e que da mente dos escravos foi apagada “toda a memória da bondade de seus senhores” (ibid., p. 14). O discurso ainda vai além, postulando que “a escravidão é, para eles, um título de honra” e incita: “compare o estado deplorável dos negros na África com a sorte amena e confortável de que desfrutam em nossas colônias” (ibid., p. 10); afinal, “o governo paternal havia, por muitos anos, melhorado a condição de nossos negros” (ibid., p. 10). Diante disso, os deputados se mostravam incompreendidos:

[...] aqueles escravos, que haviam sido tratados com muito carinho por seus senhores eram a própria alma da insurreição. Foram eles que traíram e entregaram os humanos senhores à espada do assassino; foram eles que seduziram e incitaram à revolta os bandos dispostos à fidelidade; foram eles que massacraram todos os que se recusaram a se tornar seus cúmplices. Que lição para os *Amis des Noirs*⁶! (ibid., p. 5)

Já “*Um inquérito sobre as causas da insurreição dos negros na ilha de São Domingos. Ao qual se acrescentam Observações de M. Garran-Coulon sobre o mesmo assunto, lidas em sua ausência por M. Guadet, perante a Assembleia Nacional, em 29 de fevereiro de 1792*”⁷, disponível no mesmo acervo, apresenta uma forte intertextualidade com o anterior, fazendo, inclusive, citações diretas, agora, porém, com mais foco nas causas do que na narração dos eventos. Retomando o argumento de que os escravizados eram bem tratados pela maioria dos senhores, o autor inverte o raciocínio e diz que este seria exatamente o problema:

O negro é um ser cuja natureza e disposições não são apenas diferentes das do europeu, mas são o inverso delas. Bondade e compaixão excitam em seu peito um ódio implacável e mortal: mas enganos, insultos e abusos geram gratidão, afeição e apego inviolável! (GARRAN-COULON, 1792, p. 6)

Embora os brancos haitianos condenassem os negros pelo movimento revolucionário, nota-se uma tentativa de tomar para si o mérito da conquista: “a liberdade é agora deles, mas é um presente de seus senhores; a recompensa de sua ligação honesta, e foi ratificada pelos representantes da colônia” (SAINT-DOMINGUES, 179-?, p. 5-6, trad. nossa). Já, neste trecho, nota-se como a história

⁶ Do francês, “Amigos dos Negros”, sociedade abolicionista francesa fundada ao fim do século XVIII.

⁷ Originalmente em inglês: “*An inquiry into the causes of the insurrection of the negroes in the island of St. Domingo. To which are added, Observations of M. Garran-Coulon on the same subject, read in his absence by M. Guadet, before the National assembly, 29th Feb. 1792*”

gloriosa foi tirada do povo negro, restando-lhe, na visão eurocêntrica, apenas uma barbaridade injustificável.

No que lhe concerne, o livro *Vida De J.J. Dessalines, Chefe Dos Negros De São Domingos; Com Notas Muito Circunstanciadas Sobre A Origem, Caráter e Atrocidades Dos Principais Chefes Daqueles Rebeldes Desde o Princípio da Insurreição em 1791*⁸, escrito por Jean-Louis Dubroca e publicado na França no ano de 1804, produz um efeito difamatório, como uma obra de importância extrema para a construção dos olhares europeus voltados para a Revolução. Isso, em especial, porque Dubroca fora contratado por Napoleão Bonaparte para propagar – por seus escritos – uma visão depreciativa dos feitos haitianos, por meio de palavras maledicentes meticulosamente selecionadas. Em seus relatos sobre a vida de grandes líderes da Revolução Haitiana, o autor busca a constante reafirmação das violências e das atrocidades praticadas pelos escravizados insurgentes.

A leitura do documento é permeada por ataques incessantes à figura de Dessalines. Esses relatos, carregados de conotações propositais, promovem, em algum grau, comoção naqueles que os lêem. Este propósito de provocar o interlocutor é perceptível em passagens como esta:

Se a história deste monstro é capaz de exaltar os mais sensíveis, quanto mais horror deve inspirar a ideia desse mesmo monstro, coberto de sangue humano e de crime bárbaro por natureza e inteiramente despido dos costumes e da civilização do mundo (DUBROCA, 1804, p. 9, trad. nossa).

O forte teor das narrativas corporifica o caráter hediondo de Dessalines, como é nítido em: “Ele carregava a morte consigo para todos os lugares, independentemente de sexo, idade ou condição.” (ibid., p. 4). Além disso, a retratação gráfica das cenas de horror, também presente no livro, ajudou a tornar ainda mais horrenda aquela “insurreição” aos olhos europeus. Não que fossem pacíficos os atos de Dessalines, mas o que os diferencia das chacinas impostas pelos revolucionários franceses, por exemplo, para que seja tachado de bárbaro? A questão não é propriamente a violência que provoca, mas o fato de ser negro e massacrar os brancos. O crime que comete é mais que mero assassinato, é o rompimento brusco de relações raciais de poder, tão engessadas.

Era uma tentativa ininterrupta de causar pavor – dificilmente vista, em se tratando de revoluções brancas que lutavam por libertação. Mesmo a lealdade de Dessalines para com os próprios negros é questionada em trechos da obra: “Nunca satisfeito com sua ferocidade ao derramar sangue humano, quando dava tréguas aos brancos, passou a exercê-la sobre seus próprios cúmplices, dos quais muitas vezes foi ele mesmo o carrasco [...]” (ibid. p. 22).

O desprezo às características físicas do revolucionário é percebido a partir da análise dos adjetivos escolhidos pelo autor para descrevê-lo: “A cabeça é grande e o pescoço curto; sua aparência, feroz: o nariz muito largo e achatado; os lábios espessos” (ibid., p.70). A descrição da personalidade de Dessalines parte do mesmo pressuposto de inferiorização, nos pormenores que o tipificam como um “monstro” que exala, impetuoso, selvageria e agressividade:

⁸ Originalmente em espanhol: “*Vida De J.J. Dessalines, Gefe De Los Negros De Santo Domingo; Con Notas Muy Circunstanciadas Sobre El Origen, Caracter Y Atrocidades De Los Principales Gefes De Aquellos Rebeldes Desde El Principio De La Insurreccion En 1791*”.

Ele é sagaz e hipócrita ao mesmo tempo; brutal arrebatado e violento ao extremo. Sua visão somente inspira terror e é tão mais fundada, quando à menor contradição que lhe é feita, o desgosto que recebe, imediatamente se vinga pela mão, seja com pistola ou sabre. Ele é tão covarde aos olhos do inimigo, tão cruel quando está longe do perigo. Ele nunca aparece para o combate, contentando-se em assisti-lo de longe [...] (ibid., p. 70).

Dentre os variados aspectos que permearam a leitura desses achados históricos, um dos que mais nos chamou a atenção foi a maneira como se dera a esquematização dos vocábulos, denotando traços evidentes de subjetividade. Essas marcas – próprias da mentalidade da época – fizeram com que os eventos protagonizados pelos negros fossem desclassificados e subtraídos de sua importância, valendo menos em si mesmos e mais nos juízos de quem os narrara. O direito de produzir a cronografia permanece nas mãos dos brancos. Isso é, em alguma medida, uma contínua punição à vitória dos negros. Os escravizados resistem à condição de objetos que lhes é imposta e são tidos como ingratos. Se estão sob grilhões e se revoltam, são violentos. Mas, se conseguem a liberdade, é porque os brancos lhes concederam. Toda essa narrativa expressa a força profunda da linguagem.

Se o que nos diferencia, enquanto espécie, é a conformação de nossa civilidade dentro da linguagem – na ação e no efeito do saber se comunicar –, é nesse mesmo sistema de códigos que, paradoxalmente, concretizam-se os atos destrutivos dessa humanidade. Pela linguagem criaram-se os direitos, mas é também por ela que se condenou ao silêncio a luta por liberdade. A escolha das palavras evidencia sua força como instrumento na arte de convencer, ou mesmo, de tornar verdade aquilo que não deveria se sobrepor os fatos.

Sobre tudo isso, resume bem a nossa própria percepção a análise de Baitello (1997, p. 66), citado por Junior (1998): “será conveniente lembrar que as inscrições e a escrita significaram a vitória simbólica sobre o tempo [...]. A escrita se perpetua e com isto vence a morte” (Baitello, 1997:66, apud JUNIOR, 1998). Se não vence a morte do corpo, preserva sua memória.” (JUNIOR, 1998). É dessa forma que se desenvolveu a historiografia da Revolução Haitiana sob a perspectiva daqueles que perderam as batalhas, mas usurparam o direito de contar a história.

Como a história circulou pelo mundo

Esse sentimento que, percebe-se, assolou os brancos tem raízes, é claro, no medo e no preconceito racial, mas não levaria a tamanhas transformações mundo afora, não fosse a forma como as narrações foram disseminadas. Isso porque grande parte desses textos era produzida na Europa e quase tudo que se sabia sobre São Domingos estava contido em documentos escritos pelos brancos haitianos. Os periódicos e outras obras de cunho quase informativo que circulavam pelo Atlântico tiveram um papel fundamental na construção de um imaginário sobre a Revolução Haitiana. A história que a imprensa fez atravessar os mares era fragmentada, com apenas breves citações referindo-se à luta dos escravizados como “insurreição”, “desordens” e “terrível anarquia”, evidenciando assim o viés negativo associado ao feito.⁹

⁹ Idade D'Ouro Do Brazil (1811-1823); Gazeta do Rio de Janeiro (1809-1822); Correio Braziliense: Ou Armazem Literario (1808-1822); O Observador Lusitano em Pariz, ou Collecção Literaria, Politica e Commercial (1815) e O Portuguez ou Mercurio Politico, Commercial, e Literario (1814-1821)

Encontram-se múltiplos comentários pejorativos carregados das opiniões dos autores com pouca ou nenhuma contextualização dos fatos, como nos exemplos: “enquanto se não acabar de todo a **insurreição d’América Espanhola**, e enquanto durarem as **desordens de S. Domingos** haverá sempre corsários funestos ao comércio marítimo” (SERVA, 1817, ed. 83, p.1, grifo nosso). Analisam-se ainda, neste trecho, as diferentes denominações que recebem as lutas em São Domingos e na América Espanhola. A primeira, da forma como é percebida e assim narrada, é esvaziada de sentido político, sendo ilustrada como sendo mera violência por violência, emergindo não da luta de seus homens, mas do fracasso da vigilância dos senhores.

Dentre os arquivos visitados, há apenas dois capítulos maiores que discorrem, já passados mais de 10 anos, sobre a independência. Um deles, escrito por Hipólito da Costa para o Correio Braziliense (1820, ed. 24-25), possui um foco mais econômico e político do que social, conforme também analisou Freitas (2011). A Revolução era contada a partir de suas causas e efeitos comerciais, o que não a isenta do julgamento de valor, como mostra o excerto: “a Guadoupe e S. Domingos, arruinadas pelas consequências de uma emancipação, executada com tanta **demência**, que até houve a **barbaridade** de ajuntar os escravos, que ela libertava, não terão por longo tempo consumidores [sic] ricos” (COSTA, 1820, ed. 25, p. 51, grifo nosso).

Já o capítulo de mesmo nome na Revista Crítica do Observador Lusitano em Paris (1815, ed. 1), de certo modo, apresenta uma perspectiva mais social e até mais moderada. Ainda na introdução, o autor deixa explícita essa posição de buscar uma imparcialidade e expor com exatidão o levantamento de S. Domingos e as suas causas, o que, segundo ele, não havia sido feito até então, embora se falasse tanto dos acontecimentos. Dentre as consultas feitas nesta pesquisa, destacamos que foi o primeiro documento escrito por um francês, próximo à ex-colônia, que exaltou seus feitos, como no trecho:

Com vergonha nossa devemos confessar que os negros, apesar do estado de abjecção a que os tinha reduzido, foram de todos os que menos merecem a nossa indignação. [...] Alguns fizeram ações dignas dos Spartiats e Romanos; em mil ocasiões deram provas de inteligência, de presença de espírito, e da maior valentia (MALENFANT, 1815, ed. 1, p. 316-317).

Em outro texto, escrito como peça teatral, retrata-se, nas entrelinhas, o imaginário coletivo da época. O musical, intitulado *Rei César; ou os Escravos Negros*¹⁰, foi apresentado pela primeira vez em Londres em 1801. Ele utilizava um tom mais ameno, se comparado aos outros escritos aqui mencionados, ao narrar o epicentro revolucionário, deixando transparecer, inclusive, uma quase necessidade que justificaria a vingança dos escravizados. A obra de John Cartwright Cross apresenta como personagem principal o sacerdote haitiano François Mackandal. Na trama, o curandeiro, ao idealizar um plano de vingança, torna-se um motor para a rebelião: “Nasci, nasci para comandar, tenho sido um escravo por muito tempo, Mas veio a chance terrível da guerra e eu obedeci alegremente” (CROSS, 1801, p. 14, trad. nossa).

O personagem, romanticamente marcado por sua ancestralidade, era como o baluarte da liberdade – aquele que a levaria para os povos que ali sofriam. Em “A dor às vezes é muda e, às vezes, selvagem, mas como a voz do homem, seu clamor é poderoso” (ibid., p. 13), revela-se a angústia causada pela situação a que se viam

¹⁰ Originalmente em inglês: “*King Caesar; or, the Negro Slaves*”.

submetidos e como era ardente a esperança de que as súplicas de libertação fossem ouvidas. Além disso, em “A opressão é o sinal de morte e vingança!” (ibid., p. 14) fica subentendido que a retaliação era uma força coesa entre os revolucionários, uma necessidade de se reunirem para lutar juntos por seus direitos inalienáveis.

Por sua origem inglesa, o documento deve ser percebido no contexto do abolicionismo já amplamente discutido na sociedade britânica, tanto que os próprios colonizadores do Haiti se questionavam sobre a possível influência da Inglaterra na construção da Revolução.

Esses escritos, decerto, sofriam influência direta da fonte de informação e do contexto em que se inseriam. Os conteúdos, com exceção daqueles redigidos por ingleses abolicionistas, carregavam a perspectiva dos brancos escravistas. Outrossim, as marcas de opiniões aqui destacadas eram próprias da jovem imprensa que “no seu veio mais propriamente cultural do que noticioso, assumiu explicitamente as funções de agente de cultura, de mobilizadora de opiniões e de propagadora de ideias” (PALLARES-BURKE, 2013).

A revolução no contexto geopolítico mundial

Sob uma perspectiva mundial, a Revolução Haitiana, majoritariamente feita por negros escravizados, criou uma espécie de medo, em toda a América escravista. Os senhores de escravos de todo o continente se viam assombrados pelo “horror” de uma revolução racial em seus domínios, que devolveria toda a violência propagada pelos mesmos que agora a temiam. A disseminação do pânico se deu inclusive nas palavras do principal periódico a circular no Brasil na época:

Que incalculáveis males não ameaçam o Brasil, no estado atual? O exemplo da ilha de S. Domingos é tão horroroso, e está ainda tão recente, que ele só será bastante para aterrar os proprietários deste continente (COSTA, 1817, n. 19, p.10).

Esse medo, depois conhecido como “haitianismo”, foi também uma forma de se desferir mais violência e repressão aos escravizados. A partir do momento em que a história da Revolução se espalhou pelo mundo Atlântico, até mesmo pelas ruas de cidades brasileiras, “soldados negros usavam medalhões com o rosto de Dessalines” (NASCIMENTO, 2007, p. 472).

Essa manifestação ajudou a concretizar o temor dos senhores, que passaram a acreditar e temer a iminência de um novo movimento. O isolamento internacional da nova República Negra começou ainda em seus primeiros suspiros. Dessalines enviou uma carta ao presidente estadunidense Thomas Jefferson – que havia ao longo do processo, incentivado a luta – pouco antes da proclamação oficial de independência, na tentativa de estreitar os laços políticos, mas não obteve resposta (MATTHEWSON, 1996). Era um prefácio de como o haitianismo afetaria as relações internacionais. Isso se manifestou, também, na esfera econômica, com embargos por parte dos países europeus, que temiam que a ideologia dessa revolta chegasse a outras colônias. Segundo um discurso feito por Samuel White no Senado Americano em 1806, “a renúncia deste comércio [com São Domingos] nunca nos foi pedida, como um sacrifício temporário para a conveniência e acomodação da França; mas foi exigido de nós, no estilo mais insultuoso e peremptório” (WHITE, 1806, p.1, trad. nossa), evidenciando como a antiga metrópole articulou a ruína do novo país como uma punição e um não reconhecimento de sua independência.

Também Simón Bolívar, anos mais tarde, viraria as costas ao governo que, então, havia sido seu aliado na libertação da América Hispânica. As nações que compunham o Congresso do Panamá, por ele promovido, não reconheceram o Haiti como Estado soberano, o que justificou sua ausência na cúpula. Temia-se “uma possível disseminação do germe das revoltas de escravos para as outras colônias” (GENTRIN e POUMAROUX, 1990, apud MELO ROSA e PONGNON, 2013, p. 483). Como concluem Melo Rosa e Pongnon (2013, p. 483), “a história colonial haitiana, embora notável e sem precedentes na história de libertação colonial da América Latina, não conseguiu superar os entraves políticos de condução do projeto pós-colonial da nação”.

No Brasil e em Cuba são notáveis os efeitos da Revolução. Nessas sociedades escravistas, o feito em Saint-Domingue “por um lado era motivo de orgulho para a população mais carente, referindo-se a ela como ‘São Domingos, o Grande São Domingos’, mas por outro causava temor nas autoridades coloniais: ‘Alerta, Alerta. Acudir em quanto é tempo’” (NASCIMENTO, 2008).

O haitianismo varreu as Américas, de modo que o medo ganhou características de um ato político. Invocava-se os feitos dos haitianos como forma de avançar agendas “reformistas” ou “progressistas” para a época, ainda que o apelo coincidissem com o mesmo medo sócio-racial compartilhado por seus oponentes (SÁ, 2016). “Uma oposição muito mais temível que qualquer outra e que, se não prontamente reprimida, trará a perda irreparável do Brasil: é a insurreição dos escravos, da qual os mais pavorosos sintomas já se manifestaram”, apontou o professor Aronson (1976, apud SILVA e REIS, 1989). Diante de tal temor, era de se esperar que consequências políticas recaíssem sobre o país: a aprovação da Lei Eusébio de Queiroz atuou como “acalmadora dos ânimos” dos negros brasileiros, justamente pelo crescente medo de que estes organizassem uma revolução como a Haitiana. Apesar de ser um tema dificilmente encontrado em fontes oficiais, de uma parte da história que o mundo preferiu esquecer, é possível relacionar a lei supracitada como resultado dessa política “progressista” sobre a população negra escravizada do Brasil.

Historiadores relembram, ainda, que o termo haitianismo também podia ser utilizado, com frequência, para designar não apenas o medo das elites proprietárias brancas, mas também um modo sedicioso e insurrecional de se fazer política por parte dos negros (SÁ, 2016). Essa estratégia estava, também, intrinsecamente ligada à tentativa de embranquecimento da população a partir do incentivo imigratório, marcando uma profunda controvérsia nas ações e concepções das elites brasileiras. Enquanto a declaração da Lei Eusébio de Queiroz tentou criar uma imagem de um Brasil progressista, a política de embranquecimento procurou produzir a mesma imagem invalidando as identidades étnicas e raciais dos afrodescendentes.

O cenário cubano não se diferenciava muito do brasileiro, exceto em suas proporções. O temor da repetição de uma revolta escrava nos moldes da ocorrida em São Domingos é argumento recorrente na historiografia que tentou explicar o tardio processo de independência da ilha (YOUSSEF, 2009). O exemplo da colônia vizinha permanecia vivo e as informações circulavam intensamente. Por outro lado, o impacto do movimento negro do Haiti também instigou a luta dos cubanos pela independência em relação à Espanha.

De forma geral, o assombro do haitianismo experienciado pelos brancos de toda a América se refletia no medo dos prejuízos econômicos, mas também, e mormente, no terror da concepção de uma luta negra ser tão bem sucedida a ponto de colocar em questão a supremacia branca de um país, o que “contradiz muito do que o Ocidente conta de si mesmo, para si e para os outros” (TROUILLOT, 1995). É por

isso que, sendo esse um temor mais baseado em questões morais do que materiais, o Haiti, ao conquistar a sua independência, conquistou também o início de um questionamento sobre as relações de poder étnicas e raciais.

O embargo econômico, político e diplomático do Haiti é a primeira barreira mundial imposta à jovem nação negra emancipada. A exclusão internacional levou-o a negociar uma indenização com a antiga metrópole já duas décadas depois do fim da Revolução. Entretanto, a aparente solução foi o que afundou o país ainda mais em crise. A multa estabelecida correspondia a mais de 10 vezes a receita anual do governo haitiano, então não houve outra alternativa a não ser recorrer a empréstimos externos. Apenas em 1947, após mais de 120 anos, a dívida foi quitada e o Haiti se viu, finalmente, livre das amarras com a França. Porém, longe do romantismo dessa libertação, encontra-se o país mais pobre da América Latina, com um dos menores IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo, e que, mesmo na atualidade, enfrenta intervenções militares externas.

Considerações finais

É dessa maneira que o questionamento trazido pela frase de Orwell, mencionada na introdução, pode ser respondido: os negros haitianos não viveram a glória de disseminar a própria história porque, em um contexto mundial, não eram vistos como vitoriosos, já que permaneciam racialmente subjugados. E, como salienta Almeida (2019, p. 9) “é nesse contexto que a raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade da razão e o ciclo de morte e destruição do colonialismo e da escravidão possam operar simultaneamente como fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea”.

Assim, dentre outros motivos, a cor da pele e as amarras históricas em que a Revolução estava envolta foram fatores determinantes para essa inversão forçada dos papéis de vencedor e vencido. Como mencionado, a utilização de fontes primárias e diversas foi de extrema relevância para a construção de uma imagem distinta da Revolução e de uma semântica histórica mais bem localizada no quesito espaço-temporal. Mas, por que explorar documentos escritos por brancos se o objetivo foi pintar esse evento com a visão historicamente oprimida dos negros?

Essa reflexão possui alguns caminhos. O primeiro deles seria o simples fato de não haver tanta abundância de material escrito pelos revolucionários quanto pelos escravistas. Já o segundo perpassa a vontade das autoras de entender não apenas o conteúdo das cartas, mas o imaginário e as intenções inconscientes de quem as escreveu. Afinal, esse inconsciente era fruto do meio social em que se inseria e por isso expõe as relações raciais como eram concebidas à época. Com esse objetivo em mente, a procura da voz dos oprimidos deu-se por um processo de denúncia das formas como são retratados na documentação oficial.

Isso implica a valorização dos documentos produzidos à época, mesmo que escritos por aqueles a quem o mundo racista resolveu coroar. Mais do que apenas exaltá-los, essas narrativas servem como instrumento de análise da formação do pensamento branco ocidental. Longe de ter o mesmo significado de uma pesquisa escrita por aqueles que sofrem na pele as consequências do racismo, apresentar a visão do grupo étnico por muitos anos opressor não deixa de ser importante à medida que procura reconstruir os fragmentos negligenciados da cronografia da Revolução.

Assim, à luz dos fatos examinados, este estudo analisa os acontecimentos em São Domingos, não como eventos encerrados no passado, mas como propulsores de mudanças que repercutem até a atualidade e, por isso, são essenciais para a compreensão da realidade na qual nos inserimos.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural: feminismos plurais**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

CLARKSON, Thomas. **The true state of the case, respecting the insurrection at St. Domingo**. Ipswich: J. Bush, 1792. Disponível em: <https://www.loc.gov/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

COSTA, Hipólito. **Correio Braziliense**. Londres, 1814, ed. 13, 1817, ed. 19, 1820, ed. 24-25, 1822, ed. 29. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

CROSS, John Cartwright. **King Caesar**. London: Barker, 1801. Disponível em: <https://ecda.northeastern.edu/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

DESSALINES, Jean-Jacques. [Correspondência]. Destinatário: Thomas Jefferson. Cul-de-Sac plain, 23 jun. 1803. 1 carta. Disponível em: <https://www.loc.gov/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

DUBROCA, Jean-Louis. **Vida de J.J. Dessalines**. México, 1806. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FREITAS, Soraya. “Qual silêncio?” O Haiti nas páginas dos primeiros periódicos brasileiros. 2011, São Paulo: ANPUH, jul. 2011. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/>. Acesso em: 23 maio 2021.

GARRAN-COULON, Jean-Philippe, GUADET, Marguerite-Élie. **An inquiry into the causes of the insurrection of the negroes in the island of St. Domingo**. França: Assemblée Nationale Législative, fev. 1792. Disponível em: <https://www.loc.gov/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

Gazeta do Rio de Janeiro. 1814, ed. 21. Rio de Janeiro: Imprensa Régia. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

HANSARD, Thomas. **O Portuguez**. Londres, 1816, ed. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

JUNIOR, Norval. **Comunicação, mídia e cultura**. São Paulo em Perspectiva, v. 12, n. 4, p. 11–16, 1998.

LOUIS, Loudmia. **Vodu: da constituição de um sistema simbólico libertário à perseguição ideológico cultural**. Cascavel: UNIOESTE, nov. 2017. Disponível em: <http://www.seminariolhm.com.br/>. Acesso em: 31 maio 2021.

MALENFANT, Charles. Revista Crítica, **O Observador Lusitano em Pariz**. Paris, 1815, ed. 1, p. 313-351. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

MATTHEWSON, Tim. **Jefferson and the Nonrecognition of Haiti**. Proceedings of the American Philosophical Society, 1996, v. 140, n. 1, p. 22-48. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 18 mai. 2021.

MELO ROSA, Renata; PONGNON, Vogly. A República do Haiti e o processo de construção do Estado-nação. **Revista Brasileira do Caribe**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v. XIII, n. 26, jan-jun., 2013, p. 461-494. Disponível em: <http://www.redalyc.org/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

NASCIMENTO, Washington. “São Domingos, o grande São Domingos”. Espírito Santo: **Dimensões**, n. 21, p. 125-142, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NASCIMENTO, Washington. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791-1840). **Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria**, v. 10, n.18. Jul. - dez. 2007, p. 469-488. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NICOLAY, Robson. A Independência do Haiti. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, ano 5, n. 19. Rio de Janeiro, 2010.

PALLARES-BURKE, Maria. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Cadernos de Pesquisa**, n. 104, p. 144–161, jul. 1998. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

PRICE, Hannibal. **De la réhabilitation de la race noire par la République d’Haïti**. Port-au-Prince: Impr. J. Verrollot, p.101. 1898. p

RELATO SOBRE Conspiração Organizada pelos Negros na Ilha de São Domingos. Cap-Français: 1758. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/14720/#q=haiti>. Acesso em: 16 abr. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SÁ, Miguel. **Haitianismo: medo e ação das elites na produção do Brasil**. Set, 2016, Florianópolis: Associação Brasileira de Relações Internacionais, set. 2016. Disponível em: <http://www.seminario2016.abri.org.br/>. Acesso em: 31 maio 2021.

SAINT-DOMINGUE, Assemblée Générale. **A particular account of the insurrection of the negroes of St. Domingo**. [Londres? 179-?]. Disponível em: <https://www.loc.gov/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

SERVA, Manoel. **Idade D’Ouro Do Brazil**. Bahia, 1811, ed. 65, 1812, ed. 28, 1814, ed. 51, 1817, ed. 83. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

SILVA, Eduardo. REIS, João José. **Negociação e conflito**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

WHITE, Samuel. **Mr. White's speech in the Senate of the United States**. Washington D.C., fev. 1806. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

YOUSSEF, Alain. **Haitianismo em perspectiva comparativa: Brasil e Cuba (sécs. XVIII-XIX)**. Curitiba, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 23 maio 2021.